

A identidade, finalidade e perfil gerencial do ITESC têm contornos nítidos, que parecem consolidados. Trata-se de uma instituição Regional, Acadêmica e Colegiada, voltada essencialmente para a formação acadêmica teológico-pastoral de futuros presbíteros e agentes de pastoral. Dado o momento eclesial atual, de refluxo em relação à renovação conciliar, poderia haver intenções implícitas ou explícitas, no sentido de dar uma outra configuração à instituição. Entretanto, para atender às reais necessidades de ontem e de hoje, o ITESC não só necessita resguardar sua identidade, como seu estágio de maturidade institucional o habilita a potenciar seus recursos e a ampliar seus serviços, preenchendo, assim, certos vazios facilmente identificáveis diante de novas situações que se apresentam.

ITESC

Uma instituição regional, acadêmica e colegiada

*Agenor Brighenti**

* Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade de Lovaina, atualmente professor de Teologia no Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC) e na Universidade Pontifícia do México (UPM), de Filosofia na Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e diretor do ITESC.



A identidade, finalidade e perfil gerencial do ITESC, ainda que dinâmicos, como comprovam as mudanças de Regimento¹ em seus trinta anos de trajetória, têm contornos nítidos, que parecem consolidados. Trata-se de uma instituição com o rosto das dioceses que integram o Regional Sul IV, voltada essencialmente para a formação acadêmica teológico-pastoral de futuros presbíteros e agentes de pastoral e gerenciada de forma colegiada. Foi assim que o ITESC foi pensado pelos Bispos que integravam sua mantenedora, a Fundação Dom Jaime de Barros Câmara, no ato de sua criação, enriquecido pelas contribuições dos professores e alunos durante seu percurso. Graças ao bom senso das partes que o integram, apesar de se haver passado por um período de turbulência no final dos anos 70 e durante a década de 80, pode-se dizer que o ITESC vem melhorando cada vez mais, adequando-se às novas circunstâncias e respondendo aos novos desafios.

Isso, entretanto, não dispensa a necessidade de dar novos passos no presente, no sentido de potencializar melhor seus recursos, sobretudo humanos, e de ampliar o leque de seus serviços, tanto de docência, mas sobretudo de extensão e pesquisa, as três vocações de toda instituição de nível superior.

1. Uma instituição Regional

Certamente, o que há de mais precioso e *sui generis* no ITESC é sua identidade Regional, expressão dos ventos de colegialidade episcopal que sopraram também em Santa Catarina no pós-concílio. Nossos bispos de então, padres conciliares, haviam compreendido que o Concílio deslocava a catolicidade da Igreja da universalização da particularidade romana para a Igreja Particular sem, no entanto, reduzi-la a um diocesanismo ou a uma episcopalização da Igreja. Com o clima de otimismo que caracterizou os primeiros anos do pós-concílio, de par com o apreço e o fortalecimento da CNBB, fundada em 1952, trataram de conformar um Regional próprio, até então ligados ao Rio Grande do Sul, em vista de uma pastoral de conjunto com rosto catarinense. Era o início de um processo de autocompreensão da Igreja em Santa Catarina desde a

¹ Vamos nos deter nos Regimentos de 1988 e 1997, mostrando a evolução ocorrida naquela década. Antes de 1988, os dados não estão facilmente disponíveis e, depois de 1997, em termos regimentais, apenas houve uma mudança na grade curricular, de que daremos notícia mais adiante.



particularidade que a distingue, tanto do Rio Grande do Sul, quanto do Paraná ou São Paulo, só para citar os Estados mais próximos.

1.1. Componentes da identidade

Consolidada a criação e o funcionamento do Regional Sul IV, enquanto espaço de atuação conjunta em âmbito pastoral, o passo seguinte foi pensar na formação de seu clero, de modo que aqueles que estariam à frente das centenas e centenas de paróquias das dioceses de Santa Catarina, respondessem melhor aos anseios de seu povo². Fato marcante foi a sintonia de todos os bispos em torno a este anseio, ainda que, no início, fosse mais explícito em uns que em outros. Em vista disso, nossos bispos não tiveram dúvidas e nem mediram esforços, seja no econômico, seja no arrebanhamento de alunos, alguns deles já estudando em outras partes.

O corpo de professores do ITESC, desde o início, também teve esta característica regional, composto sobretudo pelas dioceses de Florianópolis, Lages, Tubarão e Joinville, e reforçado pelos jesuítas, que continuam presentes no Instituto até hoje. Os que foram alunos da primeira-hora, testemunham que não se sentia, entre eles, nenhuma espécie de corporativismo diocesano, ao contrário, notava-se corresponsabilidade e estima mútua. Muitos deles, além de professores, eram também formadores mas, apesar dos formandos se agruparem por casas interdiocesanas, nem por isso caíam em possíveis acepções de pessoas ou comparações indevidas. Sentiam-se mais as peculiaridades dos alunos de cada diocese do que dos professores e formadores, até por eles já estarem habituados a estudar e trabalhar em ambientes interdiocesanos. Em outras palavras, havia mais espírito regional entre os professores do que entre os alunos, o que contribuiu para, pouco a pouco, ir criando também entre estes uma boa integração.

² O Regimento, já em seu proêmio, afirma que o ITESC “tem por finalidade precípua a formação dos futuros bresbíteros das dioceses que integram a Fundação Dom Jaime de Barros Câmara, bem como a colaboração na formação teológica e pastoral de religiosos(as) e leigos(as). O ITESC abre suas portas também para candidatos de outras dioceses e instituições eclesiais”, cf. FUNDAÇÃO DOM JAIME DE BARROS CÂMARA - INSTITUTO TEOLÓGICO DE SANTA CATARINA, *Regimento do ITESC. Orientações, Grade Curricular e Convênios*, Florianópolis 1997, Proêmio. Mais adiante, ao tratar “Dos fins e Objetivos”, o Regimento refere-se a uma formação teológico-pastoral de futuros presbíteros e de religiosos(as) e leigos(as), “comprometidos com o povo de Deus”; “... em vista da conversão das pessoas, da animação pastoral e da transformação da realidade sócio-político-econômico-cultural e pastoral-eclesial”, Título I, Cap. III, Art. 4 e Par. 1, respectivamente. Doravante, citaremos apenas “Regimento”, seguido do ano, que designa as duas sucessivas redações.



Não é inoportuno, entretanto, fazer menção que faltava e falta até hoje, a presença docente das Dioceses de Chapecó e Joaçaba³. Não se sabe se por este motivo, mas o fato é que, com o tempo, estas duas dioceses, deixariam o ITESC e buscariam formar seus padres alhures. Cada uma por razões diametralmente opostas: Chapecó, por sentir o ITESC pouco comprometido com as causas reais do povo catarinense, por ver sua teologia conservadora, optando, em um primeiro momento, por um curso de teologia na própria Diocese e, depois, no Instituto de Teologia de Passo Fundo (ITEPA); Joaçaba, por sentir o ITESC muito mergulhado nos problemas de seu tempo, por sua teologia muito aberta, optando por um Instituto com uma teologia de contornos mais definidos no Paraná. Ultimamente, esta Diocese retornou ao ITESC. Quanto à Diocese de Chapecó, por sua rica experiência eclesial, por sua tradição, por fazer parte de nosso Estado, por integrar o mesmo Regional, embora seja totalmente compreensível o fato de estar em um bom Instituto, mais próximo de casa e mais afinado com sua realidade, não é exagerado afirmar que faz muita falta ao ITESC. O futuro clero das demais dioceses deixam de enriquecerem-se com a rica contribuição que esta Igreja Particular deu e continua dando à Igreja em Santa Catarina, uma Igreja que escreveu com Dom José Gomes, quem sabe, uma das mais belas páginas de sua história. Seja como for, o ITESC, como Instituto Regional, tem o dever de preservar esta memória.

Outro elemento importante da identidade do ITESC, além de seu vínculo essencial com o Regional Sul IV da CNBB, é sua estreita relação com os religiosos. Reza o seu Regimento que, “sendo uma instituição da Igreja de Santa Catarina, o ITESC deve viver em comunicação e comunhão com o Regional Sul IV da CNBB e a CRB-SC”⁴. A integração com estas instituições “é indispensável para seu testemunho comum de unidade e serviço e deve acontecer dentro de uma pluralidade de objetivos e métodos, respeitando-se assim a autonomia e as características de cada uma delas”⁵. Com relação ao Regional, o Regimento, ao discorrer sobre os “Fins e Objetivos” do Instituto fala de: “promover cursos periódicos em vista do aperfeiçoamento e atualização contínua dos presbíteros a agentes de pastoral das dioceses catarinenses”; “manter cursos estáveis de formação teológico-pastoral para lideranças leigas”; “prestar assessoria

³ Ausência hoje acrescida da recém-criada Diocese de Criciúma.

⁴ Regimento de 1997, Anexo V, 4. Orientações Práticas, n. 5.

⁵ *ibid.*



aos organismos e serviços pastorais do Regional Sul IV”⁶. Com relação aos religiosos, a exemplo das históricas boas relações entre CNBB-CRB a nível nacional e Regional, os bispos também quiseram que ITESC-CRB/SC expressassem, em sua atuação, estes laços de enriquecimento mútuo. Um dos sinais mais visíveis desta cooperação foi a abertura do ITESC, desde sua fundação, a estudantes religiosos, masculinos e femininos, que o integram até hoje e em número cada vez maior, bem como a contratação de professores religiosos e religiosas.

1.2. Vazios de identidade

Esta rica trajetória, que se insere na perspectiva do Concílio, infelizmente, da mesma forma que a reforma operada por este não está consolidada, também a regionalidade do ITESC não está garantida. Há vazios de identidade a serem preenchidos.

O primeiro deles situa-se no âmbito eclesial em geral, dado o refluxo, nas últimas décadas, no exercício da colegialidade episcopal, que acena para um crescente enfraquecimento das conferências episcopais nacionais e o fantasma das dioceses como sucursais de um poder hegemônico central. Na esteira desta perspectiva, apresenta-se a plausibilidade de cursos de filosofia e teologia, cada vez mais seminarísticos, na própria diocese ou em nível regional, mas neste caso, sob a responsabilidade de uma única diocese. Diante do crescente processo cultural de diferenciação e fragmentação, não deixa de ser uma tentação a preservação de uma identidade auto-identificada a partir de si mesma, esquecendo-se no entanto que, da mesma forma que a alteridade pressupõe a identidade, esta, quando tecida sem o horizonte daquela, cai no sectarismo, caminho dos fundamentalismos. Os estágios pastorais de grupos de alunos na própria diocese, ainda que tenha outras razões conhecidas e até justificáveis, pode contribuir com o atual refluxo diocesano.

Contraponto deste espírito, por um lado, seria continuar fazendo da Fundação Dom Jaime de Barros Câmara o espaço da corresponsabilidade episcopal com relação à formação do presbitério. Por outro, da mesma forma com que os formadores das Casas Diocesanas

⁶ *ibid.*, Título I, Cap. III, Art. 5, II,III,V. Esta referência ao Regional aparece ainda, tanto no Regimento de 1988, como de 1997, ao falar de uma formação “fundamentada na Tradição, na Bíblia e no Magistério da Igreja, bem como, e finalmente, na realidade vivida pelo povo”, Regimento de 1997, Título I, Cap. III, Art. 4, Par. 2.



têm uma atuação concertada, eles poderiam ter iniciativas no sentido de uma maior interação entre as diversas Casas, contribuindo, assim, para a consolidação de laços de uma verdadeira fraternidade presbiteral regional. Por outro lado, Dioceses com poucos estudantes de teologia, poderiam partilhar casa comum ou, então, formador, como acontece em um e outro caso. Não deixa de ser preocupante quando a academia tende a ser quase que o único espaço de interação entre as dioceses. Neste particular, o Regimento do ITESC é interpelante: “Para integração dos Seminários e/ou Casas de Formação, entre si e com o ITESC, sejam valorizados momentos de estudo, lazer e confraternização, tais como jornadas e semanas teológicas, manifestações culturais, etc. A diversidade de cultura e orientação pastoral, que marca cada diocese do Estado, não deve ser motivo de isolamentos e divisões, que levem ao diocesanismo estéril. Ao contrário, deve a comunhão ser expressa também pela integração de valores e pela riqueza de eventuais diferenças”⁷.

Um segundo vazio na identidade regional do ITESC, é a ausência de um maior estreitamento de laços com o Regional Sul IV da CNBB. Historicamente, houve um distanciamento causado pelo posicionamento crítico do ITESC em relação ao Sistema de Criatividade, do qual o Regional era adepto. Passados os anos, apesar dos atores hoje serem outros, persiste a distância do passado. O ITESC pouco contribui com a caminhada pastoral do Regional e, este, pouco recorre aos recursos de que o ITESC dispõe. De um lado, presta-se mais assessoria pastoral fora do Estado do que dentro dele⁸. Tentativas de oferta de cursos de capacitação de agentes de pastoral, por parte do ITESC, conheceram um gradativo esfriamento⁹. De outro, pedidos de pesquisa sobre a realidade sócio-religiosa do Estado nem sempre encontraram respaldo¹⁰. Hoje, parece que iniciativas institucionais podem selar parceria profícua e duradoura¹¹. A proximidade física das duas instituições poderia jogar um papel positivo.

⁷ Regimento de 1997, Anexo V, 4. Orientações práticas, 4.

⁸ Esta é uma das ações regimentais do ITESC: “prestar assessoria aos organismos e serviços pastorais do Regional Sul IV”, Regimento de 1997, Cap. III, Art. 5, V.

⁹ Esta é outra das ações regimentais do ITESC: “promover cursos periódicos em vista do aperfeiçoamento e da atualização contínua dos presbíteros e agentes de pastoral das dioceses catarinenses”, Regimento de 1997, Cap. III, Art. 5, II.

¹⁰ Aliás, este serviço até saiu do Regimento do ITESC. O Regimento de 1988 referia-se a uma das atribuições do Colegiado: “propor pesquisas com conteúdo teológico-pastoral, especialmente sobre o homem catarinense, no contexto do Terceiro Mundo”, Regimento, Seção I, Art. 13,h.

¹¹ A criação conjunta da Escola de Coordenadores de Pastoral, que terá início em julho de 2004, é expressão deste espírito.



Tentou-se amarrar ITESC-Regional pelo Departamento de Pastoral, mas os estágios dos alunos, na prática, não se inserem nesta perspectiva e o próprio Departamento não consolidou ainda sua integração no Conselho Regional de Pastoral, sem dúvida a presença oficial do Instituto mais efetiva. Mas, também não se pode esquecer a contribuição da revista *Encontros Teológicos* que, entre outros, sempre dedicou um número à Campanha da Fraternidade e apresenta números monográficos, normalmente voltados para a pastoral. Por muito tempo, inclusive, a revista era enviada gratuitamente a todas as paróquias do Regional.

Um terceiro vazio diz respeito ao estreitamento de laços entre ITESC e CRB-SC. O desafio resta praticamente inteiro, mais por falta de iniciativa do que de abertura das partes. Contatos, no entanto, já resultaram no oferecimento ao ITESC de seminários sobre a vida religiosa. Estes farão, sem dúvida, um grande bem, pois, em geral, os padres diocesanos têm pouca oportunidade de conhecer sobretudo a teologia da vida religiosa, mesmo porque ausente dos currículos, e tão necessária para uma efetiva interação dos padres diocesanos com os religiosos na vivência e prática pastoral. Sem essa perspectiva, os religiosos, em uma diocese ou paróquia, podem ser vistos mais pelo seu fazer do que pelo seu ser, e o que é pior, com o risco de serem reduzidos, muitas vezes, a mão-de-obra barata.

2. Uma instituição acadêmica

O ITESC, embora regimentalmente fosse desde o início uma escola, na prática, funcionou simultaneamente como academia e seminário regional por quase duas décadas. Os alunos se alojaram, primeiro no Convívio Emaús, de propriedade da Arquidiocese, depois, também nos atuais prédios que abrigam hoje o Regional Sul IV, os estudantes de teologia de Lages e o ITESC, instalações estas já de propriedade da Fundação. Alguns professores residiam no centro da cidade, no prédio onde funcionou depois o Regional Sul IV. As aulas, dadas nas instalações da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, garantiam uma certa distinção entre o seminarista e o aluno. Entretanto, como os diretores e formadores eram igualmente professores, por vezes, as funções se misturavam, em detrimento tanto do seminário quanto da academia. O comportamento na casa acabava incidindo sobre a nota na escola e o rendimento na academia respingava sobre a convivência doméstica.

Em 1977, quando a Fundação decidiu construir o prédio onde funciona hoje o ITESC, para ser um grande seminário regional, houve



uma reunião com os alunos para conversar sobre o projeto. Naquela ocasião, estava claro para a maioria dos alunos, que não se devia construir casa-grande. A contra-proposta apresentada, em nome dos alunos pelo Diretório Acadêmico, era a da construção de casas menores para moradia, tendo ao centro, como espaço comum, capela, refeitório, auditório, etc. Nem se insistia em casas de moradia por diocese. Pensava-se mais na necessidade de convivência em grupos menores. Mas não houve acolhida da idéia e o projeto primeiro foi executado. Buscou-se minimizar os problemas da casa-grande, constituindo-se quatro comunidades dentro da mesma casa, uma por ala.

2.1. A distinção entre seminário e academia

A junção, na prática, de academia e seminário, sobretudo na década de 80, provocou muitas tensões e conflitos e o desfecho foi o fim do seminário regional, ou mais propriamente dos seminários regionais, a criação de Casas de Formação diocesanas e o ITESC restringindo-se, como prescrevia o Regimento, à academia. Em 1988, os seminários regionais decidiram fechar suas portas, devendo a decisão ser encaminhada aos bispos¹². Alguns seminaristas já estavam vivendo fora, de forma inserida, com a anuência de suas dioceses, mas sem um acompanhamento direto. Algumas dioceses demoraram um pouco em viabilizar a saída e os alunos não hesitaram, alguns por própria conta, em encontrar a alternativa eleita. O fato é que, em pouco tempo, cada diocese passou a ter sua própria casa, com um formador próprio, via-de-regra da própria diocese.

É de perguntar-se se o fim dos seminários regionais deveu-se mais à casa grande, à dificuldade de convivência entre pessoas de várias dioceses, à busca de uma vida mais simples e inserida na vida do povo ou à interferência mútua entre escola e seminário. Certamente um pouco de tudo isso. Em todo caso, o que mais se queria era ficar longe do ITESC. Do ITESC-escola ou do ITESC-seminário? Buscava-se fugir de ser aluno vinte e quatro horas por dia, de estar sob o olhar onipresente do formador ou de ter uma vida pronta e artificial...¹³. Era difícil dizer. O fato é que a

¹² De passagem pelo ITESC, vindo da Coordenação de pastoral da Diocese de Tubarão e indo estudar em Louvain, coube-me coordenar, a convite do então Pe. Orlando Brandes, diretor, coordenar uma assembléia dos estudantes das diversas casas, em que se tomou a decisão de fechar as portas dos seminários regionais. A motivação primeira que aparecia na argumentação era a vontade de uma vida inserida nas periferias, morando em casas populares.

¹³ Na época, o atual prédio do ITESC era, para os alunos, uma casa luxuosa e ostentosa. Hoje, ao lado das casas que se construíram nos arredores do Instituto, é a instalação mais simples. Quem decidiu descer os morros?



distinção entre escola e seminário, além de contribuir para uma melhor demarcação das duas realidades, fortaleceu a identidade e atuação de uma e outra. Ainda que o professor seja igualmente formador em sentido largo, hoje, as casas de formação têm sua completa autonomia e, a academia, plena liberdade de fazer ciência. A participação do representante dos formadores no Colegiado do ITESC é uma das pontes desta distinção sem separação, ainda que se esteja longe de uma verdadeira união sem confusão. Parece que, o que conta por enquanto, é consolidar a distinção, para depois trabalhar a união.

Com o fim do seminário regional, o ITESC-escola deixou o espaço físico da UFSC e instalou-se a academia no ITESC-seminário. A transladação teve e tem prós e contras. Sem dúvida, perdeu-se o ambiente universitário, a presença em um mundo secularizado e até hostil à Igreja, a exposição a um ambiente permissivo em diversos campos, o que, sem dúvida, contribui para o amadurecimento pessoal e a futura convivência com realidades iguais ou parecidas. Mas, também é verdade que, fora certo entrosamento com o movimento estudantil, o ITESC nunca foi uma presença explícita de Igreja na UFSC, pela pastoral universitária, por exemplo. Com a saída da UFSC, ganhou-se um ambiente próprio e mais adequado para a academia, aulas no período matutino, mais entrosamento entre os alunos e turmas, reforço da biblioteca e uma maior visibilidade do Instituto. Agora, com a ampliação de seus serviços, este espaço próprio será imprescindível para a consolidação do Instituto como centro de formação e de estudo.

Da mesma forma que o caráter regional faz do ITESC uma instituição *sui generis*, seu tipo de academia também o é. Embora seja uma escola de formação teológica dos futuros presbíteros das dioceses de Santa Catarina, nem por isso se restringe a essa função. Não só está aberto à formação de presbíteros de outras dioceses e instituições eclesiais¹⁴, como também a leigos(as) e religiosos(as), o que livra a academia de um possível perfil seminarístico, que poderia privar a teologia de seu caráter de ciência da fé, e revestindo-a de um perfil funcional¹⁵. Aliás, o Regimento nunca desvincula a teologia de sua função eclesial, ao contrário, falando sempre do ITESC como uma escola de formação teológico-pastoral¹⁶. Como reza o Regimento, “visa-se com essa formação

¹⁴ Cf. Regimento de 1997, Proêmio; também Cap. III, Art. 4; Anexo V, 1.

¹⁵ Sabe-se das razões, que não deixam de ser estranhas, do fato de o Regimento prescrever que o número de leigos não possa ultrapassar os 10% do total de estudantes, cf. Regimento de 1997, Orientações Práticas, 4,2.

¹⁶ Cf. Regimento de 1997, Proêmio; também Anexo V, 1.



a construção do Reino de Deus, em vista da conversão das pessoas, da animação pastoral e da transformação da realidade sócio-político-econômico-cultural e pastoral-eclesial”¹⁷. Em decorrência de uma academia com perfil teológico-pastoral, cabe ao ITESC “promover cursos periódicos em vista do aperfeiçoamento e da atualização contínua dos presbíteros e agentes de pastoral das dioceses catarinenses; manter cursos estáveis de formação teológico-pastoral para lideranças leigas; promover e estimular pesquisas nos diferentes setores do estudo teológico-pastoral; prestar assessoria aos organismos e serviços pastorais do Regional Sul IV”¹⁸.

Esta formação teológico-pastoral, embora tenha sua especificidade, mesmo na formação presbiteral, no entanto, quer ser uma formação integral¹⁹: “... a missão específica do ITESC se concentra prioritariamente na formação intelectual (intelectual, racional e científica) de seus estudantes. Mas, considerando a integralidade do desenvolvimento da pessoa humana, não se pode esquecer das outras dimensões da formação presbiteral”²⁰. Essas dimensões são: formação pastoral, formação espiritual, formação humano-afetiva e formação para a vida comunitária. Por isso, “a Direção e os professores do ITESC devem ser também, *ipso facto*, formadores”²¹.

Sabidamente, a formação pastoral é colocada como o eixo integrador das quatro dimensões²², em que o estágio dos alunos “deve desenvolver-se em etapas graduais que considerem os diversos níveis da ação pastoral, ou seja, a subjetividade das pessoas, a experiência comunitária da fé e a presença da Igreja na realidade sócio-político-econômico e cultural do país”²³. A formação espiritual deve propiciar a criação e promoção de uma espiritualidade e mística do clero diocesano, ou seja, centrada em Cristo Esposo e Servo da Igreja, na docilidade ao Espírito Santo, na pregação da Palavra, na celebração da Eucaristia, na comunhão com a Igreja Universal, no espírito missionário, na inserção na realidade sócio-cultural de sua diocese, na prática da caridade pastoral, na evangelização da realidade histórica de nosso povo²⁴. A formação humano-afetiva,

¹⁷ *ibid.*, Cap. III, Art. 4, Par. 1.

¹⁸ *ibid.*, Cap. III, Art. 5, II, III, IV, V.

¹⁹ Cf. *ibid.*, Anexo V, 2.

²⁰ *ibid.*, Anexo V, Preâmbulo.

²¹ *ibid.*, Anexo V, 2.

²² *ibid.*, Anexo V, 2, a.

²³ *ibid.*

²⁴ Cf. *ibid.*, Anexo V, 2, b.



partindo do convívio alegre e sereno entre professores e estudantes deve educar “o futuro presbítero para o amor à Igreja Universal, a obediência à hierarquia e a fraternidade presbiteral”²⁵. A formação para a vida comunitária deve levar em conta o presente e o futuro do estudante, preparando-o para uma vida em-relação “dentro do presbitério, na relação com o bispo, com os colegas presbíteros e os cristãos leigos”²⁶.

A formação intelectual, campo específico do ITESC, segundo o Regimento, deve dar-se com “as características que o episcopado catarinense previu, aos 25 de agosto de 1971, quando se reuniu para traçar os marcos do currículo teológico do Instituto a ser criado”²⁷: fundamentar-se em conteúdo sólido; pondo o ser humano como ponto de partida e de chegada de toda teologia; bíblica-eclesial; querigmática, como experiência do encontro pessoal com a Boa Nova; que promova o engajamento pastoral de estudantes e professores; que contribua com a transformação do mundo; que tenha abertura ecumênica; que favoreça uma síntese global da fé cristã; que ofereça condições de discernimento cristão em meio ao pluralismo; e, que se apoie numa metodologia técnico-científica²⁸. Estranhamente, o Regimento vigente de 1997, não retomou duas “ações” do ITESC indicadas pelo Regimento de 1988, relativas à formação intelectual: “I – investigar, aprofundar e explanar de maneira sistemática os dados da fé, contidos na divina Revelação, usando o método próprio da Teologia e procurando harmonizar as exigências científicas com as esperanças e necessidades pastorais do Povo de Deus, a partir da consciência que a Igreja tem de sua missão, no mundo; II – desenvolver uma reflexão teológica crítico-criativa que seja comprometida e relevante no contexto latino-americano, brasileiro e catarinense”²⁹. Nesta perspectiva, também se excluiu como tarefa do Colegiado e também do Instituto, pois não mais aparece em nenhuma parte do Regimento vigente, “propor pesquisas com conteúdo teológico-pastoral, especialmente, sobre o homem catarinense, no contexto do Terceiro Mundo”³⁰.

²⁵ *ibid.*, Anexo V, 2, c.

²⁶ *ibid.*, Anexo V, 2, d.

²⁷ *ibid.*, Anexo V, 3.

²⁸ Cf. *ibid.*, Anexo V, 3, a-j.

²⁹ Regimento de 1988, Cap. III, Art. 5º, I-II.

³⁰ *ibid.*, Seção I, Art. 13, h.



1.2. Vazios de identidade

Hoje, praticamente o único espaço de integração dos estudantes das diversas dioceses é o da academia, o que é muito pouco. É verdade que o Diretório Acadêmico, através de sua programação, sobretudo recreativa e esportiva, tem dado sua contribuição mas, certamente os formadores teriam o importante papel, entre outros, de propiciar espaços de integração cultural, religiosa e recreativa entre os formandos das diversas casas de formação. Neste sentido, a casa grande deixou um vazio ainda não preenchido, sobretudo no campo cultural. O retiro anual que algumas casas de formação realizam conjuntamente é expressão desta necessária interação para a criação de um verdadeiro espírito de presbitério regional. Da mesma forma que um bispo não é ordenado só para a sua diocese, também o presbítero integra um presbitério que ultrapassa as relações de fraternidade com os colegas de ministério de sua própria Igreja particular. Os conselhos e as coordenações regionais e nacionais de presbíteros (CRP-CNP) têm dado uma significativa contribuição, que precisa fazer eco ainda no período de formação dos seus futuros membros. Quem sabe a celebração eucarística semanal, que tem lugar na academia, continuando nela como convém, poderia ser assumida pelas casas de formação, como símbolo da interação entre academia e seminário, tão importante para uma formação integral. Em outras palavras, a formação intelectual precisa conectar-se melhor com as demais dimensões da formação, em realizações concretas, para além da existente bela sintonia de espírito.

Entretanto, o vazio mais preocupante é o da pastoral como o eixo integrador das diversas dimensões da formação. No campo mais especificamente acadêmico, continua o desafio de uma melhor integração entre academia e estágio pastoral dos alunos, através do Departamento de Pastoral. A realidade pastoral precisa entrar na academia e, esta, necessita projetar-se sobre aquela, de modo que o aluno aprenda a refletir teologicamente as práticas pastorais. Há sempre a tentação de conceber a pastoral, ao invés de uma prática profissional, pouco mais do que uma ação de pessoas de boa vontade, mais propícia à aventuras e projetos pessoais do que resposta a desafios concretos desde a fé. Neste particular, os professores poderiam contribuir com a produção de uma teologia mais contextualizada, não perdendo de vista a especificidade catarinense, e sem por isso cair em regionalismos. Claro, uma tal postura não se improvisa, implica evidentemente a pesquisa bibliográfica e de campo, o que por sua vez exige uma maior liberação, que esbarra, por um lado,



enquanto quase todos presbíteros, em necessidades pastorais concretas e, por outro, na questão da remuneração da pesquisa. O mesmo se poderia dizer com relação à pastoral como eixo integrador da formação comunitária, espiritual e humano-afetiva. A supervisão pastoral da academia só será efetiva se houver sincronia com os supervisores de campo e os formadores. O ideal seria o formador assumindo um certo papel de co-supervisor de campo de seus formandos, tal como acontece em alguns Institutos e, depois, fazer a ponte com os supervisores acadêmicos. Em todo caso, a formação de pastores está condicionada à pastoral como eixo integrador da formação integral. Aliás, ali está o principal termômetro para medir a vocação presbiteral, sobretudo para o presbitério diocesano, de um vocacionado.

Finalmente, um outro vazio da instituição, enquanto academia, é o da pesquisa e da extensão. O ITESC está maduro para tornar-se uma academia mais profissional. Docência, pesquisa e extensão são as três vocações de qualquer curso realmente de nível superior. Hoje, o Instituto tem uma boa academia, uma incipiente pesquisa e uma fraquíssima extensão. As publicações dos professores – livros e artigos, se devem praticamente à abnegação pessoal, incluída a revista *Encontros Teológicos*, muitas vezes fruto do tempo destinado ao lazer ou mesmo ao sono. Por sua vez, os estágios dos alunos, melhor articulados com a academia e as casas de formação, poderiam cobrir, em certa medida, a lacuna da extensão. A criação de um curso na área de mestrado em teologia é, entretanto, o passo decisivo para uma instituição acadêmica entrar no estágio da pesquisa e da extensão. Ou mesmo os cursos de pós-graduação *latu sensu*. Estes, já começam a fazer-se realidade na área do diálogo ecumênico e interreligioso.

3. Uma instituição colegiada

Uma outra grande riqueza do ITESC é seu gerenciamento colegiado. No início, quase tudo dependia de seu diretor, mas que sustentava estreito diálogo com os bispos e professores. Depois, em 1977, nasceu o diretório acadêmico, reivindicando o espaço do corpo discente na instituição. O Regimento de 1988 já põe em evidência o Colegiado, que compõe a Organização do ITESC, juntamente com a Diretoria e o Corpus Docente e Discente³¹.

³¹ Regimento de 1988, Título II, Cap. II, Art. 7º.



3.1. O Colegiado

Com relação ao Instituto, a instância máxima de tomada de decisões é a Fundação Dom Jaime de Barros Câmara, cujos membros são os bispos das dioceses de Santa Catarina. Em nível interno, o organismo máximo é o Colegiado. No Regimento de 1988, ele é integrado por um Bispo designado pela Fundação, a Diretoria do ITESC, os professores em atividade, um estudante representante de cada série do curso regular de teologia e um representante da organização do Corpo Discente. O Regimento de 1997 acrescenta, já com a consolidação do fim dos seminários regionais e a criação de seminários diocesanos, “um representante dos formadores das Casas de Formação relacionadas com o ITESC”³².

O Colegiado tem duas funções: uma deliberativa e outra técnico-consultiva. O Regimento de 1997, ao descrever cada uma das funções, associa a função deliberativa ao Instituto como um todo e, a função técnico-administrativa, à Direção do mesmo³³. Como funções deliberativas aparece: apresentar à Fundação nomes de candidatos à Direção, de candidatos a professores, de professores e alunos para aperfeiçoamento; tomar conhecimento e ajuizar sobre faltas disciplinares do Corpo Docente, Discente e Técnico-administrativo; propor à Fundação modificações no Regimento e na Grade Curricular; solicitar à Fundação melhorias na infraestrutura física; analisar relatórios institucionais; e decidir sobre os casos omissos nesse Regimento³⁴. Como funções técnico-administrativas aparece: planejar e revisar as atividades didático-pedagógicas de cada semestre; avaliar o plano de ensino de cada disciplina; aprovar o calendário escolar; promover reuniões de avaliação por turmas; e promover cursos de didática e pedagogia para professores e alunos³⁵.

Com relação ao Regimento de 1988, como já nos referimos, curiosamente retirou-se do Colegiado duas funções: “propor pesquisas com conteúdo teológico-pastoral, especialmente, sobre o homem catarinense, no contexto do Terceiro Mundo” e “promover reuniões de estudo e debate com toda a comunidade acadêmica do ITESC”³⁶; e, acrescentaram-se três outras de caráter técnico-administrativo: “aprovar

³² Regimento de 1997, Título II, Cap. II, Seção I, Art. 9.

³³ *ibid.*, Título II, Cap. II, Seção I, Art. 13, I, II.

³⁴ *ibid.*, Título II, Cap. II, Seção I, Art. 13, I, a-i.

³⁵ *ibid.*, Título II, Cap. II, Seção I, Art. 13, II, a-e.

³⁶ Regimento de 1988, Título II, Cap. II, Seção I, Art. 13, “h” e “m”.



o diretório e o calendário escolar de cada ano”; “promover, bimestralmente, reuniões, por turmas, para avaliação do processo de ensino-estudo-aprendizagem”; “promover cursos de didática e pedagogia, para professores e alunos, em vista da melhoria do processo de ensino-estudo-aprendizagem”³⁷.

Com relação ao Colegiado, cabe ressaltar a presença constante do Bispo representante da Fundação. Aliás, o ITESC sempre contou com o apreço e o apoio do episcopado. Reina um espírito de respeito pela autonomia da academia, ao mesmo tempo que se acompanha de perto seus passos. Sobretudo a Arquidiocese de Florianópolis tem se preocupado em contribuir com o quadro de professores, seguida das Dioceses de Tubarão e Lages.

O Colegiado se reúne sempre no início e final de cada semestre. É ele que dá os rumos e toma as decisões que depois a Direção, os Departamentos, a Congregação dos Professores e o Diretório Acadêmico procurarão efetivar.

3.2. Outras instâncias de gerenciamento

Depois do Colegiado, vem a Direção, composta pelo Diretor, Vice-diretor e Secretário, praticamente um organismo executor das decisões tomadas pelo Colegiado³⁸. Determina o Regimento que “os nomes dos candidatos a Diretor, Vice-diretor e Secretário serão apresentados pelo Colegiado à Fundação, após ouvir o Corpo Docente e o órgão representativo dos estudantes, e nomeados pela mesma”³⁹. Tem-se respeitado esta tradição, tanto a nível interno, como da parte dos Bispos.

O Corpo Docente está integrado na Congregação dos Professores, composta por “todos os professores, no efetivo exercício do magistério, no respectivo ano acadêmico”⁴⁰. Suas atribuições são: tomar conhecimento e ajuizar sobre o plano anual de trabalho; discutir nomes a serem indicados à Fundação pelo Colegiado para os cargos de Direção; sugerir temas para semanas teológicas e jornadas de estudo; revisar e atualizar os planos de ensino; manifestar-se quanto ao regime disciplinar; avaliar o aproveitamento intelectual e a formação integral de cada um dos alunos;

³⁷ Regimento de 1997, Título II, Cap. II, Seção I, Art. 13, II, c,d,e.

³⁸ *ibid.*, Título II, Cap. II, Seção II, Art. 16, I, II, III.

³⁹ *ibid.*, Título II, Cap. II, Seção II, Art. 17.

⁴⁰ *ibid.*, Título II, Cap. II, Seção III, Art. 22.



opinar sobre os planos financeiros e administrativos; tratar das questões próprias da classe profissional; opinar sobre o currículo e sugerir medidas de atualização e reformulação⁴¹.

O Corpo Discente, constituído por todos os alunos oficialmente matriculados no ITESC⁴², está agregado no Diretório Acadêmico de Teologia – DAT, conforme citado, fundado em fins de 1976⁴³. Nos últimos tempos, ele vem recobrando seu importante espaço de congregação dos associados, em torno a promoções de diversa índole. Além de representar o corpo discente no Colegiado, juntamente com um aluno por turma, tem estado à frente das últimas semanas teológicas, tem se encarregado, juntamente com o Departamento de Pastoral, das jornadas de estudo e, sobretudo, tem desempenhado um importante papel social, no campo esportivo e recreativo. Ultimamente, as missas das quintas-feiras, na academia, têm estado a cargo desta agremiação, que mobiliza casas de formação, turmas, classes de alunos, etc., na sua organização e celebração.

1.2. Vazios de identidade

Há vazios no campo do gerenciamento, sobretudo em nível da execução. Entre outros, faz-se necessário uma maior racionalização dos recursos humanos e a criação de equipes de trabalho à frente dos diferentes serviços. A revista *Encontros Teológicos*, pouco a pouco, vai configurando seu conselho editorial e esboçando uma secretaria própria. Os departamentos, agora em número de três – Departamento de Pastoral, Departamento de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso e o Departamento de Comunicação, gradativamente vão integrando-se à equipe diretiva, despersonalizando-a. Falta a efetivação, na prática, de uma coordenação acadêmica, que acompanhe de perto o desenrolar das atividades acadêmico-pedagógicas. A Congregação dos Professores precisa, no entanto, encontrar sua identidade, prevista no Regimento, sobretudo em relação ao Colegiado.

⁴¹ Cf. *ibid.*, Título II, Cap. II, Seção III, Art. 23, a-i.

⁴² *ibid.*, Título II, Cap. II, Seção IV, Art. 25.

⁴³ Desde 1975, sobretudo Celso Loraschi, Silvino Schmitz e Henrique Bittencourt, estudantes de então, faziam gestões em torno à sua criação. O Diretório nasceria em fins de 1976, cabendo-me ser o primeiro presidente. O segundo, em 1978, foi José Fritsh.



À guisa de conclusão

ITESC: uma instituição Regional, Acadêmica e Colegiada. Como instituição regional, em tempos de emergência de uma consciência planetária, de mundialização ou globalização, apresenta-se ao Instituto o desafio de abrir-se, ainda mais, sem perder sua identidade. Abrir-se sobretudo ao Regional Sul IV da CNBB, ao qual tem a vocação de servir. Sem esse chão concreto, sem as práticas das comunidades eclesiais, em particular do Estado, a teologia corre o risco da abstração e do academicismo. Em vista disso, é salutar a participação dos professores em eventos regionais e nacionais, como são os promovidos pela SOTER (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião) e o serviço de assessoria nos mais diversos campos da ação evangelizadora e a participação efetiva no Conselho Regional e na Assembléia Regional de Pastoral.

Como instituição acadêmica, o ITESC tem uma dívida com relação a uma teologização da realidade catarinense, o que só será possível com seu acesso à pós-graduação. A produção dos professores e os cursos de especialização já são prenúncio deste tempo de maturidade institucional que se avizinha. Urge superar resquícios de amadorismo e escola doméstica, definindo melhor o perfil do presbítero e do agente de pastoral que se propõe ajudar a formar. Como necessita igualmente oferecer maior espaço aos leigos(as), viabilizando-lhes oportunidade de qualificação, em vista de seu esperado e já tardio protagonismo na obra da evangelização.

Finalmente, como instituição colegiada, que se preserve a corresponsabilidade de toda a comunidade acadêmica, seja no Colegiado, na Congregação dos Professores ou no Diretório Acadêmico. As eleições para os cargos da Direção são expressão da acolhida do valor da democracia, tal como o é o respeito dos bispos à consulta das urnas. Que desde a 'minha' Igreja particular seja posto o serviço ao povo de Deus no Regional Sul IV, expressão do qual o ITESC foi idealizado e existe há trinta anos.